



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

Arquibaldo
PAPIM

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Lallé
PAPUSSE

OS BERTOS



O menino Felisberto,
Irmão da menina Berta,
Era primo do Adalberto
E também da Felisberta.

Qualquer deles era esperto...
Qualquer delas era esperta...



Todos juntos, muito perto,
A cantar de bôca aberta,
Faziam um tal concerto
Que a chinfrineira era certa!



Oculto atraz duma porta
Ouvindo os primos espertos,
Tal barulho não suporta
O pai e tio dos Bertos

Cançado de estar álerta
A ouvir êsse concerto,
Diz assim: — tarefa certa,
Vou fazer um desconcerto.



E... catrapaz! Bofetão!
Ele distribuiu aos poucos.
Como mestre fez então
Uma regência de sócos.

UMA HISTORIA

DA IDADE MEDIA

POR

OLAVO DE EÇA LEAL

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



RA uma vez um Rei muito mau e cruel, de quem já me não lembra o nome, mas tenho uma vaga ideia de que começava por um Y e tinha muitos SSS e Aos.

Ora dá-se o caso extraordinário de esse Rei não ter três filhos nem ter mesmo filhos nenhuns, facto que eu considero bastante raro nas histórias vulgares de Reis, de Fadas e de Príncipes encantados.

Certo dia, a mulher do Rei, que já era conhecida pelo seu exagero em tudo o que fazia, começou a mandar vir de Paris, que naquêl tempo já existia, uma filharada assustadora...

O Rei, pai dos meninos, que apenas desejava um único herdeiro para evitar a divisão do Reino que já contava séculos de existência, não achou graça nenhuma ao novo exagero de sua Augusta esposa, cujo nome de batismo era Amélinha, e poz-se a ruminar sombrios projéctos de vingança e destruição. E depois de muito cismar e de pedir os sábios mas perversos conselhos do Zérinho, antigo laçao hoje elevado ao altíssimo cargo de Chanceler do Rei, traçou um formidável plano que foi julgado genial por um juri de sábios do Oriente, convocados para tal fim.

Passaram 15 anos, ao fim dos quais o Rei chamou todos os seus filhos que eram em número de dez e todos da mesma idade por terem vindo na mesma remessa a título de

economia de sélos. Os dez manos, na sua ingenuidade e boa fé, não viram os olhares encharcados de maldade e perfídia que trocavam disfarçadamente o Rei e o Chanceler que, em nome de Sua Alteza, tomou primeiro a palavra:

MENINOS... berrou a téra humana por um porta-voz de cimento armado que nunca o largava, MENINOS... repetiu êle...: Sua Alteza Rial, o Rei Ao... Ao... RRR, vosso pai e senhor de largas terras, de inúmeros castelos e de duas mercearias em Albergaria-à-Velha, proclama que: para experimentar a intelligência dos seus Filhos, vai propôr uma adivinha assás difícil que deverá ter resposta no prazo irrevogável de cinco minutos... O primeiro que adivinhar será proclamado Principe Herdeiro da Corôa, do Reino e do Tapete da casa de banho do Rial Palácio... escusado será dizer que os outros que não adivinharem terão a cabeça decapitada pelo amável Alvarinho, Carrasco-Mór do Reino...

E desdobrando um largo pergaminho revestido de caracteres góticos, o cruel Chanceler deu ocasião aos aterrorizados Infantes de lerem esta frase alucinante:

BRANCO É, GALINHA O PÔE

Uma névem cinzenta e amarela de desolação e desespero oprimiu os corações dos Principes que se entreolharam perplexos. Se bem que a recompensa oferecida ao primeiro que respondesse à terrível adivinha tivesse tôdas as seduções duma maionese de lagosta, em compensação o castigo para quem não adivinhasse seria implacável.

Houve murmúrios de indignação e protesto da parte dos



Infantes e chegou-se mesmo a ouvir uns tímidos começos de pateada e assobios.

Naturalmente os leitores estão a armar em espertos e chamar estúpidos aos Príncipes por não dizerem logo que uma coisa branca que uma galinha põe não pôde ser outra coisa senão um ovo. Ora aí é que os meninos se enganam porque naturalmente ignoram que naquêlo tempo de Fadas e de Feiticeiros só havia galinhas mágicas e que era raro o galináceo que perdesse tempo a pôr ovos vulgares, sendo utilizadas em geral, para evitar despêsas de mão de obra, em pôr ovos de ouro, colares de pérolas, navios, etc. . . . Portanto a tal coisa branca de que falava a adivinha tanto podia ser um ovo como um prédio de três andares pintado a Ripolin branco.

Daf a terrível indecisão dos Príncipes Herdeiros. . .

Entretanto, o Príncipe Tonecas, mais novo cinco minutos do que os outros irmãos e portanto o mais esperto como

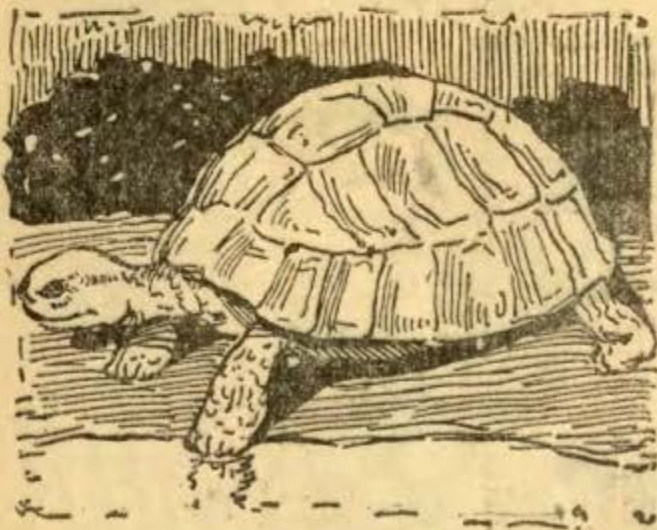
é natural neste género de histórias em que o mais novo é sempre um espertalhão, avançou até ao meio da sala e erguendo a fronte onde brilhava a auréola dos inspirados... berrou: Senhor meu pai... adivinhei. . .

Admirado e ainda incrédulo, o Rei virou-se para o filho e esperou a resposta. . .

E, começou o Infante no meio da expectativa geral, um desses bilhetes que a gente passa uns aos outros e a que o Século chama tão justamente a «Vigarice das Senhas» e que é rialmente preciso ter muita «galinha» para que o bilhete saía «branco» e o seu possuidor não ganhe sem trabalho nem ralações, um piano, um automóvel e até mesmo trezentos contos em dinheiro. . .

A assistência entusiasmada não deixou terminar a frase e uma salva de palmas coroou as sábias palavras do Príncipe Tonecas. . .

E enquanto lá dentro, no poial do pote da cosinha, o Alvarinho ia cortando com a perícia que lhe era peculiar as cabeças dos nove Príncipes infelizes, a córte em pêzo reunida no salão nobre, assistia à entrega solene ao Príncipe Tonecas Espertalhão, da Corôa, do Trono e do Tapete felpudo da sala de banho do Rial Palácio.



Esta tartaruga é um príncipe encantado. Vejam os meninos se o descobrem.

Correspondencia

Lili L. — Pôde enviar o que quiser e desde já prometo atendê-la.

Fica assim satisfeita?

Amil — O conto está muito interessante e brevemente sairá ilustrado! Que tal?

F. Marques da Silva — Os desenhos que enviaste revelam bastante talento, mas estão tão cheios de risquinhos que a gravura ficaria reduzida a uma massa confusa.

A adivinha e a pintura misteriosa, são já muito conhecidas.

O sr. Santa Rita agradece a homenagem.

Jacinto Fortuna — Recebi duas cartas. O género das adivinhas que enviaste é já muito conhecido.

Manuel João da Palma — Um teatro poderá constituir assunto para uma construção mas não uma «engenhoca».

Não achas?

J. Barata — Não recebi fábulas ou contos a que te referes.

Sobre as aventuras cómicas de um «detective» brevemente serás satisfeito.

TIO TONIO

A BOLACHA MISTERIOSA

Por LUCILA S. ROSA

Desenhos de EDUARDO MALTA



MARIA era uma interessante pastorinha do Alentejo.

Em pequenita, os pais, que viviam miseravelmente deixaram-na entregue aos cuidados da avó materna, e abalaram, para o Brasil, em busca de fortuna.

Nunca mais ninguém os viu, nem mais se ouviu falar deles.

Teriam morrido talvez!

A avó de Maria, a senhora Madalena, era quem de princípio, provia ao seu sustento e da neta, trabalhando a dias ou, conduzindo para as serras um numeroso rebanho do mais abastado lavrador da sua aldeia.

Decorrido algum tempo, a pobre velhinha, já cansada, teve que ficarm e casa, indo Maria substituí-la no seu encargo de apascentar o gado. E assim foram passando os anos.

A pequenita desenvolvia-se e tornava-se cada mais atraente; prometia vir a ser uma bonita morena olhos e cabelos negros, sendo ao mesmo tempo, deliciosamente rosada para o que muito contribuía o ar puro que respirava.

A senhora Madalena, cada vez mais se curvava para a terra, não só vergada ao peso dos anos, como também ao grande desgosto de não tornar a ver os filhos.

Contava Maria 11 anos, quando a bondosa velhinha faleceu, deixando, na maior tristeza, a sua estremecida netinha.

Maria continuou a tomar conta do rebanho. Havia meses que vivia só, mas sempre muito estimada por toda a boa gente da aldeia, que bastante a protegia.

Uma tarde, a pequena encontrara-se ainda na serra, mas preparando-se para reconduzir o gado ao estábulo. Era

ao anoutecer. E eis que repentinamente, se espalha por toda a serra uma luz intensíssima, vinda do céu.

Maria, que nunca temera as marradinhas das cabras, nem as investidas das vacas ajoelhou, transida de medo, no meio do rebanho, o qual instintivamente, todo se reuniu, como que a proteger a sua amiguinha.

D'aí a pouco, surgia, de entre as nuvens, um Anjo, todo vestido de branco; uma espessa cabeleira loura emoldurava-lhe o formosíssimo rosto, formando como que uma auréola dourada sobre a sua cabeça divina.

Aproximou-se rapidamente, do rebanho. «Ergue-te Maria! — disse ele à pobre pequena —, tens sido até aqui tão infeliz, que bem mereces uma melhor sorte!

Lá no Céu, Deus nosso Senhor apiedou-se de ti e enviou-me à terra, para suavisar a tua tristeza.» E, sorrindo divinamente, apresentou a Maria, nas pontas dos níveis





dedos, uma pequena bolacha redonda e loirinha. «Toma, menina, e, quando estiveres em perigo, ou necessitares de alguma cousa, dá uma pequena trincadela na bolacha, que imediatamente obterás tudo quanto desejares, assim como desaparecerá todo o perigo que te ameaçar». Ao terminar estas palavras, despediu-se de Maria e, abrindo as longas asas, branquinhas como a neve, elevou-se no espaço, desaparecendo, em seguida, nas núvens.

Mal refeita ainda, do susto que tivera, a pequena chamou o rebanho e guardando religiosamente a bolachinha, abandonou a serra, seguindo quasi que alegremente, os caminhos que, ainda na véspera tanto a apavoravam.

Passaram alguns meses, durante os quais não houve a mais insignificante coisa, que Maria não obtivesse, graças à pequena bolachinha. Apesar de tudo isto, cada vez lhe pesava mais a solidão em que vivia, até que um dia, trincando o resto da misteriosa bolacha, desejou, ardentemente, ir ter à companhia de seus Pais, caso ainda fossem vivos.

Dez minutos não tinham ainda decorrido, já o louro Anjo se entrevia, pela núvens. Acercou-se, rapidamente, de Maria e, colocando-a sobre as longas asas, elevou-se, com

ela no espaço. Atravessaram Portugal, o mar e chegaram em pouco tempo, ao Brazil.

*
* *

Num vistoso palacete, rodeado por um imenso jardim, sempre florido, viviam, principescamente, os pais de Maria.

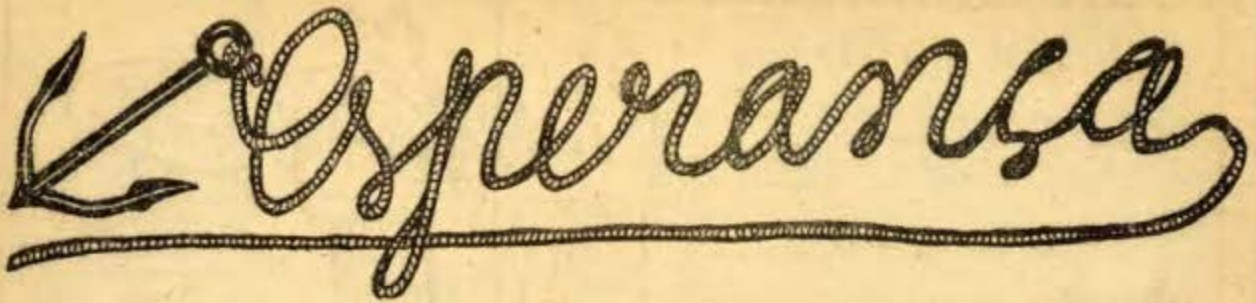
O casal teve ainda mais uma menina, que brincava alegremente sobre as âleas do jardim, onde Maria foi colocada pelo bondoso Anjo.

Logo correram, ao seu encontro, um homem e uma senhora, ainda novos, ricamente vestidos: reconheceram, no vestuário da pequenita o traje da sua aldeia natal. E não duvidaram que estavam na presença da sua estravencida Maria.

Era milhonarios os pais de Maria, e em pouco anos, as duas irmãs foram esmeradamente educadas.

Tinha Maria 18 anos quando foi pedida em casamento. A sua radiosa beleza, fizera apaixonar loucamente, o filho dos nobres condes de...

Ainda hoje vive muito feliz, a encantadora pastorinha... de outros tempos!



Esperança

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

—Ah! exclamou Jorge, foi por isso que não se encontrou nunca com Carlos Lourenço, visto que o sitio onde elle estava era mesmo fronteiro ao local do desastre.

—Alguns dias depois, deu-se outra tempestade. Durante todo o tempo que durou não saí da gruta, e, mesmo depois de passar, estive muito tempo sem sair de lá. Mas no dia seguinte saí, e, levado não sei por que presentimento, dirigi-me para o lado onde o «Neptuno» naufragara.

E que hei-de vêr? A vela de um navio, que se afastava da ilha lentamente.

Gritei com quantas forças tinha, e desatei a correr para a ponta da ilha, para que de bordo me vissem.

Mas... a minha pouca sorte foi tão grande, que caí numa cova enorme, com uns quatro metros de fundo. Bati com a cabeça no chão com tanta força, que fiz um ferimento de onde saiu sangue abundantemente.

Quantas horas estive ali com os sentidos perdidos? Não o sei dizer. Quando voltei a mim procurei trepar, o que só conseguí ao fim de muitos esforços.

—Foi por isso então, que os homens do barco o não encontraram. Porque elles desembarcaram e durante duas horas procuraram-o sem resultado.

—Ah! Eles chegaram a ouvir-me?

—Ouviu-o e viu-o Carlos Lourenço, que estava encostado à amurada.

—Bom! Quando cheguei a cima, vi ainda ao longe a véla do barco.

Então, não sei se devido ao ferimento que havia feito na cabeça, se por ter tido a salvação tão perto e tê-la deixado fugir, ou ainda se devido às duas coisas juntas, ou ainda ao desgosto de haver perdido o barco, e ás provações por que passara, lembro-me perfeitamente que levei as mãos à cabeça, e soltei uma gargalhada. Dêsse dia em diante, de nada mais me lembro.

Tenho apenas a idéa vaga de uns homens que me levaram da ilha, de um combate no mar e depois... depois mais nada.

Estava tudo explicado: o desencontro entre André Soares e Carlos Lourenço, o motivo por que o primeiro não appareceu enquanto o barco esteve encostado à ilha, o seu apparecimento logo seguido de brusco desaparecimento, o motivo por que a tripulação do «Carmen» o não havia encontrado, a mancha de sangue que Jorge encontrou na cova, e, até por fim, a perda do uso da razão, que necessitava também de uma explicação.

Jorge contou, depois tudo quanto se passara com elle.

As suas esperanças, tão grandes e inabalaveis que eram quasi certeza, a sua viagem, as suas buscas, o encontro com o contrabandista, a sua partida para Nova-York, as suas pesquisas nesta cidade, e, por fim, o seu encontro com elle.

Comovidos, pai e filho apertaram-se num estreito abraço, depois do que, voltaram a sentar-se, enquanto o pai dizia:

—Há apenas uma coisa que me não explicaram aiada, e e que eu estou desejeoso de saber.

—O que é?

—Quando eu saí de Lisboa, era um pobre contra-mestre a bordo dum barco de pesca.

Quando cheguei novamente a Lisboa venho encontrar a minha familia, que deixei pobre, rica e rodeada de todos os confortos.

Como se explica isto?

—Ah! E' simples e triste. Quinze dias depois de o pai se ter ido embora, o Eduardo, meu primo, filho do meu tio João, morreu, o pai, à falta de outro parente mais chegado, e também porque sempre foi meu amigo, instituiu-me seu unico herdeiro.

Infelizmente, eu não julgava que a sua fortuna me viesse a pertencer tão depressa, pois que, um mês depois, já porque há uma temporada para cá que andava doente, já com o desgosto da morte do filho, morreu também.

Eu queria participar-lhe isto, quando o pai chegasse à Terra Nova, visto que antes não podia ser, mas, afinal, nem lá chegou a ir, e apenas foi visitar aquella ilha, que o pai chama maldita, mas que eu chamo da Esperança, em virtude da que me forneceu a mim, e onde o pai passou tormentos sem fim.

—E onde o teu muito amor, e a esperança que tinhas de me salvar, me foram buscar e me trouxeram de novo ao meu querido Portugal.

Faze sempre assim, meu filho.

Sejam quais forem os obstaculos que te appareçam, segue sempre para diante, até conseguires o que tens em mente, e só pares, ou quando tiveres atingido o fim a que te lanças-te, ou quando os obstaculos sejam tantos, tão grandes e tão poderosos, que te vejas absolutamente forçado a recuar.

E pensa que, apenas a ESPERANÇA, isto é, a convicção de atingirmos o fim a que nos destinamos, nos pode dar forças para proceder assim,

F I M

HORA de RECREIO

UM JOGO

Com madeira fina das caixas de tabaco, constroi-se uma figura de burro como indica a gravura.

Os quartos trazeiros do animal são soltos e actuam por meio de um elástico ao qual estão presos pela parte superior.

Puchando as pernas para trás e largando, obriga a dar um coice, que, pode ser regulado pela fôrça com que se pucha.

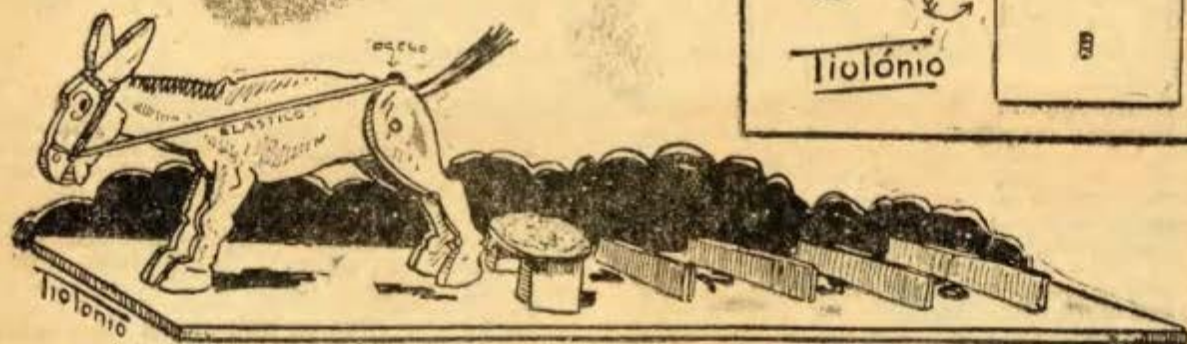
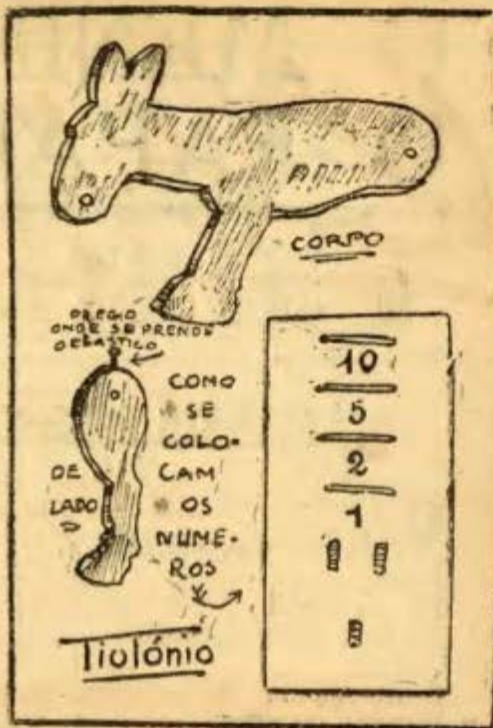
Esse coice incide sobre uma moeda, que é atirada para uma das divisórias numeradas da tábua a que se prende o burro.

Quem primeiro fizer 20, 30 ou 50 ganha.

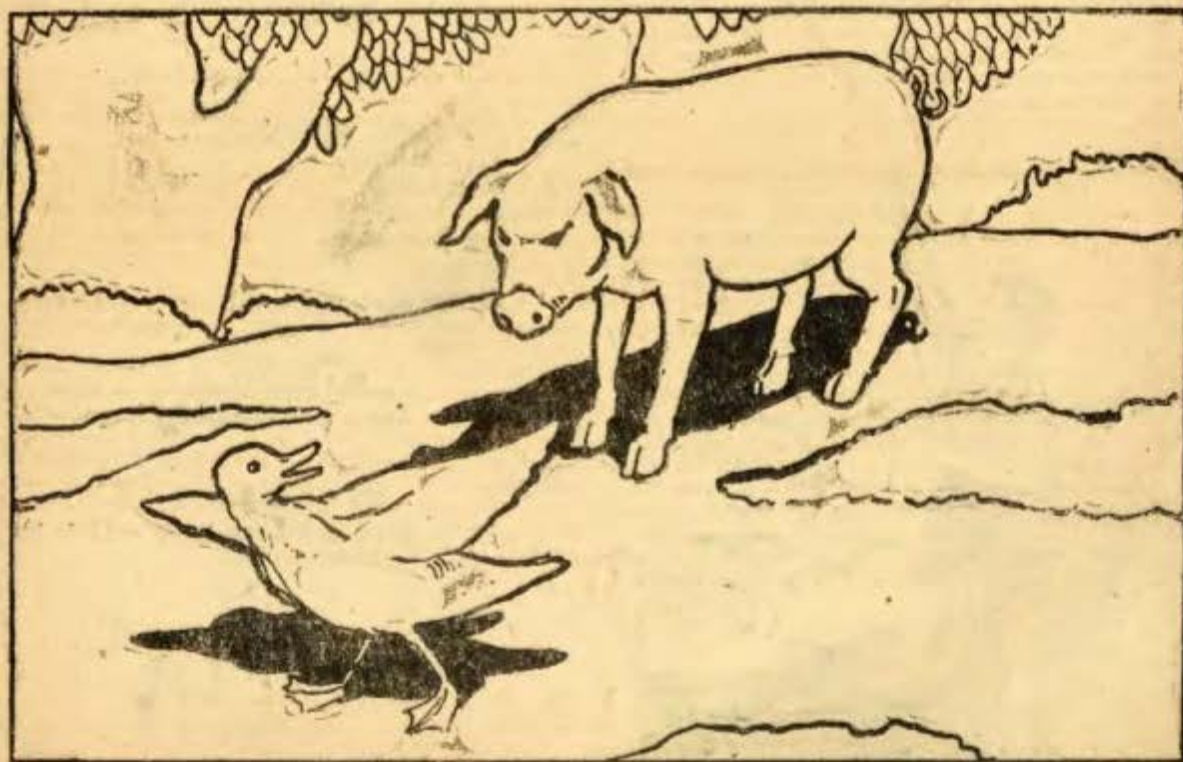
E agora é caso para dizer a qualquer parceiro sem sortes «Valha-te um burro aos coices!...»

BREVEMENTE!!! GRANDE NOVIDADE!!!

TIOTÓNIO



PARA OS MENINOS COLORIREM



O MENINO E O PAPAGAIO

POR

■ GRACIETTE BRANCO ■

E

AUGUSTO DE SANTA-RITA

V
erde, amarelo, encarnado...
Atado
Por um cordel,
Eis faz o primeiro ensaio,
Pelo ar,
O papagaio...
Papagaio de papel.

— *Ve-e-e-e-e-e...*
Velozmente,
Vem o vento,
Vai à tóa,
Como um raio!...
E o papagaio
Em ensaio
Vôa, vôa,
Vôa, vô-ô-ô-ô-ô-ôa!...

À tensão...
Pressão
Do vento,
Freme
O papel;
O cordel
Vibra na mão
Do Bébé,
Que treme
Até
De Emoção,
Enchendo de comoção
O coração
Do Bébé

.....
Sobe, sobe, vai subindo...
Vai tão lindo,
Já tão alto!
E
Em Sobressalto
O Bébé
Já mal o vê, mal o vê!

— «Ih-i-i-i-i-i-ih!
Tão á-á-á-á-á-á-alto!!...»

— (DO NATURAL) —

Praia da Figueira da Foz — 15 de Setembro de 1927.



FIM